

STUDIUM AC LABOR

*Gustavo Adolpho Vogel Neto**

O lema adotado pela Academia Nacional de Direito do Trabalho, *Studium ac Labor* – consoante proposta do Acadêmico Arion Sayão Romita, aprovada em Assembléia Geral de 27 de junho de 2006 – bem reflete o sentimento que inspira a atividade da Instituição, motivo pelo qual alguns aspectos do seu conteúdo devem ser objeto de acurado exame.

Convém precisar, inicialmente, o que representa este simbolismo: lema é a diretriz contida numa expressão sintética. Visa a nortear, invariavelmente, a ação de pessoas ou de uma entidade, e, assim sendo, pode-se dizer que encerra uma filosofia existencial.

O enunciado em latim se justifica porque muitos lemas remontam à antiguidade, quando o predomínio cultural de Roma se estendeu pela maior parte do mundo então conhecido. Não obstante, eles continuaram a ser criados e escritos naquele idioma mesmo após a queda do Império Romano do Oriente, em 1453.

A tradição dos lemas grafados em latim persistiu, inclusive, à época em que, na literatura do século XVIII, sob a influência do Neoclassicismo, procurou-se retomar o estilo de autores que marcaram os primórdios da História, como Virgílio e Homero, evocando sempre as figuras típicas das mitologias grega e romana.

O latim – vale recordar – foi a língua oficial da ciência e do próprio Renascimento quando surgiu a primeira academia científica moderna, a *Accademia dei Lincei* (*Academia dos Linces*), fundada em 1603, na Itália, seguindo-se outras, como a *Royal Society*, em 1662, na Inglaterra, a *Academie Royal des Sciences*, na França, em 1664, e assim por diante.

A expressão *Studium ac Labor* deve ser traduzida, literalmente, como *Estudo e trabalho*. Em sentido mais amplo, todavia, poder-se-ia entender *Studium* como *vontade, aplicação, empenho*; e *labor* como *esforço, fadiga, sacrifício*. Quanto ao vocábulo *ac*, ou *atque*, traduz-se como *e*, conjunção aproximativa, ou *tanto quanto*, locução adverbial comparativa.

Studium ac labor significa, portanto, *Estudo e trabalho* ou, numa compreensão mais elástica, *Vontade e esforço*. Nesse último sentido, corresponderia, *grosso modo*, à idéia inclusa no adágio *Querer é poder*, que exprime um louvor à força da mente, quando voltada para a consecução de certo objetivo. Sobre o assunto Arthur Schopenhauer escreveu *O mundo como vontade e como representação*.

* Membro efetivo da Academia Nacional de Direito do Trabalho, Professor de Direito do Trabalho da Universidade Estácio de Sá, com especialização, mestrado e doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A origem do lema *Studium ac labor* é obscura, como a de tantas outras concepções que varam o tempo e chegam ao nosso conhecimento. A mais longínqua referência a essa compendiosa expressão encontra-se na obra de Columbanus Hibernus, monge irlandês que viveu nos séculos VI e VII, de 543 a 615.

Aquele importante doutrinador cristão – canonizado, após a morte, como São Columbanus – dedicou sua existência terrena a escrever inúmeros textos sacros (Sermões, Cartas, Instruções Monásticas, etc.), que se tornaram famosos e que influíram, mais tarde, na elaboração e sistematização das leis que vieram a reger a Igreja Católica.

Columbanus, em *Sermon 2, Instructio II*, aludiu à importância do *trabalho* e do *estudo* (nessa ordem, ao invés de *estudo* e *trabalho*), enfatizando: “Patientia ergo et diligentia et labor ac studium infatigabile (...) necessaria sunt, ut in iniuriis patientiam, in religione diligentiam, in operibus laborem, in profectibus studium demonstramus”.

Ou seja: “Paciência portanto e diligência bem como trabalho e estudo infatigável (...) são necessários, a fim de que demonstremos paciência com as injustiças, diligência com a religião, trabalho com dedicação, estudo com aproveitamento”.

Registro histórico mais recente, a propósito do lema em exame, verifica-se em manifestação artística do século XVII, quando proliferava na Europa um gênero de manuscritos caracterizados como *jogos do mistério* (*games of the mystery*).

Jogos do mistério eram obras literárias, produzidas em latim pós-clássico, que serviam de base, sobretudo, a representações teatrais de episódios bíblicos. Os atores, protagonistas desses *jogos*, organizavam-se em *guildas*, associações de ofício dedicadas ao desenvolvimento da arte cênica, principalmente na Inglaterra.

Note-se que as *guildas*, como atestam os compêndios de Direito do Trabalho, foram as precursoras das entidades sindicais dos nossos dias.

Pois bem. Jacob Bidermann, seminarista alemão que viveu de 1578 a 1627, exímio escritor de *jogos do mistério*, numa de suas obras, *Herodiados (Liber Secundus)*, fez a seguinte referência: “Studium ac labor matrum, in exsequiis parandis” (“Estudo e trabalho constituem a matriz para a execução daquilo que se pretende alcançar”).

Ainda na transição dos séculos XVI e XVII, outra figura exponencial da intelectualidade alemã adotou, em seus escritos, a expressão *Studium ac labor*. Trata-se do poeta August Buchner, que viveu de 1591 a 1661, notabilizando-se como estupendo criador de sonetos religiosos, com destaque absoluto na literatura barroca da época, marcada pelo conflito entre os valores medievais e renascentistas.

Buchner, num de seus *Hymni (IV. Ann. 1653)*, coligidos na famosa *Poemata selectiora*, colocou em relevo o infortúnio de não se ter acesso ao estudo e ao trabalho: “O sors acerba, dura, miseranda, horrida (...) Nam pertinax ni accesserit studium ac

labor” (“Ó sorte amarga, cruel, miserável, horrenda (...) Pois teimosamente não deu acesso ao estudo e ao trabalho”).

Convém aduzir – encerrando estas considerações retrospectivas – que, em 1564, o historiógrafo magiar Joannes Sambucus (1531-1584), ligado ao movimento da Renascença, publicou, na Antuérpia, um livro intitulado *Emblemata*, reunindo ilustrações simbólicas de idéias colhidas em diversas fontes, inclusive antologias gregas e epigramas em latim.

Entre essas ilustrações, uma se refere ao lema *Studium & labor vincit* (*Estudo & trabalho vence*), simbolizado por uma disputa entre pessoas que almejam o mesmo objeto: os mais fortes, imbuídos de vontade, acabam sobrepujando os mais fracos e indolentes. É uma exaltação à capacidade e à perseverança do ser humano.

No que tange ao cerne da proposição em foco, traduzida literalmente do latim, impõe-se, em primeiro lugar, a análise do termo *Studium* (*Estudo*), que pode ser definido como a aplicação do espírito no sentido de aprender. Entenda-se, aqui, o vocábulo *espírito* com o significado de *alma racional*, predominante nas filosofias moderna e contemporânea.

Conforme assertiva do franciscano inglês Guilherme de Ockham (1300-1349), principal representante do Nominalismo no final da Idade Média, entre os atos do intelecto, um é o de aprender, tendo em mira tudo quanto pode assimilar a *potência cognitiva* de cada pessoa. Neste sentido, o *estudo*, a *pesquisa*, a *educação* e a *cultura* são idéias correlatas, desdobramentos de um mesmo processo.

Toda forma de estudo envolve pesquisa, fonte natural dos conhecimentos revelados ante as indagações que se formulam previamente. Pesquisa, em outras palavras, vem a ser um instrumento inarredável do estudo. Importa numa disposição pró-ativa daquele que se empenha na busca de novas informações e experiências.

Já a educação compreende a transmissão e a aprendizagem das chamadas *técnicas culturais*, isto é, daquelas modalidades de comportamento que tornam o indivíduo capaz de atender às suas carências materiais e imateriais. Visa a formar e transformar o homem através da liberação das potencialidades que lhe são inerentes.

A cultura, finalmente, representa o desfecho de todo esse processo civilizatório. De acordo com a definição clássica estampada no livro *Primitive culture*, do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), cultura “é o complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crença, arte, lei, moral, costume e muitas outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Assim, o estudo figura como elemento básico na sedimentação da cultura e como pressuposto para que se realize qualquer projeto de vida. Mas o estudo, por si só, não é capaz de promover a concretização de todas as aspirações humanas: para tanto, um outro fator, de igual magnitude, se mostra absolutamente indispensável, o trabalho.

De fato, o segundo elemento do binômio *Studium ac labor* consubstancia a idéia de que o trabalho é vital para o homem. Por meio de sua atividade produtiva é que o ser humano, conscientemente, opera a transformação do mundo, da natureza, no intuito de garantir a sua própria existência e o desenvolvimento de sua personalidade.

Ressalve-se, porém, que, ao longo do tempo, essa visão abonadora foi, às vezes, desconsiderada. O poeta grego Hesíodo, por exemplo, numa de suas obras mais conhecidas, *Trabalhos e dias*, deixou consignado que o trabalho é uma provação imposta por Zeus a todos os mortais, embora nele se ache o caminho que leva à felicidade e à prosperidade.

“A miséria pode ser alcançada, tanto quanto se quer,
E sem fadiga: a estrada é plana e ela se aloja muito perto de nós.
Os deuses imortais, todavia, exigiram o suor para
Conquistar-se o mérito.
Longo, árduo e principalmente escarpado é o caminho
Para se chegar até lá, mas, quando se atinge o cume,
ele se torna fácil, por mais penoso que tenha sido.”

E conclui o poeta:

“Trabalhar não é vileza, vergonhoso é não trabalhar.”

Do mesmo modo, conforme ensinamento bíblico (*Gênesis, 3, v. 17-19*), o trabalho está vinculado ao estigma do sofrimento e da punição: “(...) a terra será maldita por causa da tua obra: tu tirarás dela o teu sustento à força de trabalho. (...) Tu comerás o teu pão com o suor do teu rosto (...)”. Destarte, a sobrevivência do indivíduo estaria, inexoravelmente, condicionada ao padecimento.

Essas interpretações, entretanto, não devem ser dramatizadas a ponto de ofuscar os aspectos positivos do trabalho: ele contribui, efetivamente, para a plena realização do homem, aprimorando-lhe a cultura, e faz estreitar-se o relacionamento entre os atores sociais, vez que o labor se realiza, em sua essência, como atividade coletiva e não isolada.

Hoje, aliás, não resta dúvida quanto ao primado axiológico do trabalho sobre os demais fatores de produção, inclusive sobre o capital, firmando-se, cada vez mais, como um autêntico direito-dever: direito, porque o trabalho é meio de vida e não pode ser negado a quem quer que seja; dever, porque cumpre uma função social, de propiciar o aperfeiçoamento de todos.

Por esse conjunto de circunstâncias, cabe inferir que o trabalho, longe de ser penitência, configura-se como a mais elevada manifestação de todos os atributos que o ser humano agrega à sua personalidade. E só mediante o aproveitamento desses atributos é que se poderá edificar uma sociedade estável, formada por cidadãos verdadeiramente livres.

Aí está, portanto, a exortação contida no lema *Studium ac labor*:

Deve o homem estudar intensamente, visando a assimilar todos os dados acessíveis aos sentidos e à inteligência; e trabalhar com afinco, para colher a experiência que lhe enseja a atividade produtiva. Tudo isso com o objetivo de promover o seu aperfeiçoamento e o da sociedade em geral, concorrendo, outrossim, para a transformação construtiva do mundo exterior.